



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PSICOPEDAGOGIA**

**O PAPEL DA PSICOPEDAGOGIA NA PROMOÇÃO DE
HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS:
UM RELATO DE PESQUISA SOBRE EMPATIA E PREVENÇÃO
DA VIOLÊNCIA ESCOLAR**

ANNA FLÁVIA OLIVEIRA DA SILVA

**JOÃO PESSOA - PB
2026**

ANNA FLÁVIA OLIVEIRA DA SILVA

O PAPEL DA PSICOPEDAGOGIA NA PROMOÇÃO DE
HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS:
UM RELATO DE PESQUISA SOBRE EMPATIA E PREVENÇÃO
DA VIOLÊNCIA ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Bacharelado de Psicopedagogia do
Centro de Educação da Universidade Federal da
Paraíba, como requisito parcial para a obtenção
do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

Orientador(a): Prof^ª. Dr^ª. Adelaide Alves Dias

João Pessoa – PB

2026

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586p Silva, Anna Flávia Oliveira da.

O papel da psicopedagogia na promoção de habilidades socioemocionais: um relato de pesquisa sobre empatia e prevenção da violência escolar / Anna Flávia Oliveira da Silva. - João Pessoa, 2026.

31 f. : il.

Orientação: Adelaide Alves Dias.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicopedagogia) - UFPB/CE.

1. Psicopedagogia. 2. Empatia. 3. Educação infantil.
4. Violência escolar. 5. Habilidades socioemocionais.
I. Dias, Adelaide Alves. II. Título.

UFPB/CE

CDU 37.015.3(043.2)

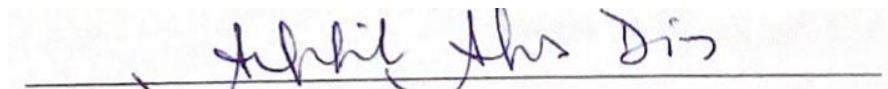
Anna Flávia Oliveira da Silva

O PAPEL DA PSICOPEDAGOGIA NA PROMOÇÃO DE
HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS:
UM RELATO DE PESQUISA SOBRE EMPATIA E PREVENÇÃO
DA VIOLÊNCIA ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Bacharelado de Psicopedagogia do
Centro de Educação da Universidade Federal da
Paraíba, como requisito parcial para a obtenção
do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

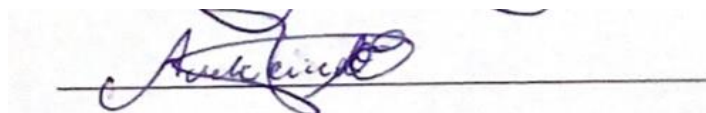
Data de Aprovação 27/03/2026

BANCA EXAMINADORA



Profª.Drª. Adelaide Alves Dias

Doutora em Educação/UFPB



Profª.Drª. Andréia Dutra Escarião

Doutora em Linguística/UFPB

RESUMO

Este estudo analisa o papel da Psicopedagogia na promoção das habilidades socioemocionais, com ênfase na empatia, como estratégia de prevenção da violência escolar na Educação Infantil. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza descritivo-interpretativa, construída a partir dos resultados do projeto PIBIC “Prevenção da violência na escola: o manejo das habilidades empáticas”, desenvolvido no Colégio de Aplicação da Universidade Federal da Paraíba (CAp/UFPB). Participaram do estudo 13 crianças do Infantil 5, turno vespertino. Os procedimentos metodológicos incluíram rodas de conversa, contação de histórias e situações hipotéticas, realizadas presencialmente, favorecendo a expressão das percepções e vivências das crianças acerca de conflitos e relações interpessoais. A análise dos dados foi conduzida sob uma perspectiva discursiva e interpretativa, articulando fundamentos da Psicopedagogia e estudos sobre desenvolvimento socioemocional, compreendendo a empatia como elemento estruturante da aprendizagem e da convivência escolar. Os resultados evidenciaram a presença significativa de atitudes empáticas, tanto espontâneas quanto mediadas, manifestadas por comportamentos de cuidado, ajuda, inclusão, cooperação e tomada de perspectiva, inclusive em relação a um colega com Transtorno do Espectro Autista. A interpretação dos achados indica que a empatia contribui para o fortalecimento de vínculos, para a construção de um clima emocional positivo na turma e para a redução de comportamentos agressivos. Conclui-se que a Psicopedagogia, ao promover intencionalmente habilidades socioemocionais, atua de maneira preventiva na construção de ambientes escolares mais éticos, inclusivos e pacíficos desde a Educação Infantil.

Palavras-chave: Psicopedagogia; Empatia; Educação Infantil; Violência escolar; Habilidades socioemocionais.

ABSTRACT

This study analyzes the role of Psychopedagogy in promoting socio-emotional skills, with an emphasis on empathy, as a strategy for preventing school violence in Early Childhood Education. The research is qualitative in nature, with a descriptive-interpretative approach, based on the results of the PIBIC project “Prevention of school violence: the management of empathic skills,” developed at the Colégio de Aplicação of the Federal University of Paraíba (CAp/UFPB). The study involved 13 preschool children from an afternoon class. Methodological procedures included conversation circles, storytelling activities, and hypothetical situations conducted in person, enabling children to express their perceptions and experiences regarding conflicts and interpersonal relationships. Data analysis followed a discursive and interpretative perspective, grounded in Psychopedagogy and socio-emotional development studies that understand empathy as a structuring element of learning and school coexistence. The findings revealed a significant presence of empathic attitudes, both spontaneous and mediated, expressed through behaviors such as care, help, inclusion, cooperation, and perspective-taking, including interactions with a peer diagnosed with Autism Spectrum Disorder. The results indicate that empathy strengthens interpersonal bonds, enhances the emotional climate of the classroom, and acts as a protective factor against aggressive behaviors. It is concluded that Psychopedagogy, by intentionally fostering socio-emotional skills, contributes preventively to the development of more ethical, inclusive, and peaceful school environments from early childhood.

Keywords: Psychopedagogy; Empathy; Early Childhood Education; School violence; Socioemotional skills.

1 INTRODUÇÃO

A escola é reconhecida como um espaço privilegiado para a formação integral da criança, ultrapassando o ensino de conteúdos acadêmicos e se constituindo como um ambiente em que se constroem vínculos, se vivenciam emoções, se desenvolvem práticas de convivência e se aprende a viver em sociedade. As interações que ocorrem neste espaço, especialmente na Educação Infantil, exercem papel determinante para o desenvolvimento socioemocional e cognitivo das crianças, influenciando diretamente suas capacidades de aprender, relacionar-se e lidar com conflitos.

No contexto da infância, a convivência escolar ocupa posição central, pois é no cotidiano da sala de aula, dos pátios e dos momentos de brincadeira que as crianças experimentam situações de cooperação, divergência, empatia, solidariedade e resolução de conflitos. Como apontam Del Prette e Del Prette (2017), as habilidades sociais e emocionais se desenvolvem na e pela interação, sendo essenciais para o ajustamento escolar e para a constituição da autonomia. Assim, compreender como essas habilidades emergem nas práticas educativas é indispensável para refletir sobre promoção da paz e prevenção da violência.

É também no espaço escolar que se manifestam conflitos, divergências e situações de tensão que, se não forem mediadas adequadamente, podem evoluir para comportamentos violentos. A violência escolar é um fenômeno complexo que abrange não apenas agressões físicas, mas também intimidações, exclusão, humilhações e tensões relacionais que dificultam o processo educativo. Estudos clássicos de Olweus (1993) e contribuições recentes no campo da educação e convivência indicam que a violência é um problema sistêmico, ligado às condições institucionais, às práticas pedagógicas e à qualidade dos vínculos estabelecidos entre crianças e adultos. Barter (2011) reforça que a violência entre pares deve ser compreendida a partir das dinâmicas sociais e emocionais que permeiam o cotidiano escolar.

Diante desse cenário, pesquisas brasileiras têm apontado a empatia como uma das estratégias mais eficazes para a prevenção da violência na escola. Dias et al. (2024) demonstram que práticas sistematizadas de desenvolvimento da empatia contribuem para reduzir comportamentos agressivos, ampliar atitudes cooperativas e fortalecer o clima escolar. De modo convergente, estudos de Vanderlei et. al (2025), Cruz e Rodrigues (2024) evidenciam que programas de educação socioemocional desempenham papel essencial na promoção de

vínculos positivos, acolhimento, pertencimento, convivência ética e elementos fundamentais para ambientes seguros e inclusivos.

A empatia, entendida como a capacidade de perceber, compreender e responder às emoções do outro (Hoffman, 2000), ocupa posição central nesse processo. Ela integra tanto dimensões cognitivas quanto afetivas, articulando a tomada de perspectiva, a sensibilidade ao outro e a capacidade de agir de maneira cooperativa. Essas competências estão alinhadas às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), que estabelece a formação socioemocional como parte estrutural da educação contemporânea e destaca a empatia, a autorregulação e a cooperação como componentes essenciais da formação cidadã.

Ao analisar esses achados sob o prisma da Psicopedagogia, torna-se possível compreender que a empatia desempenha papel central no processo de aprendizagem. Para Bossa (2018) e Fernández (1991), a aprendizagem é um fenômeno que se estrutura nas relações afetivas e simbólicas, sendo influenciada pela qualidade dos vínculos que a criança estabelece com professores, colegas e objetos de conhecimento. A afetividade, a cooperação e o clima emocional positivo são condições necessárias para o desenvolvimento integral.

Além disso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça que a educação contemporânea deve promover não apenas competências cognitivas, mas também habilidades socioemocionais, incluindo autoconhecimento, autorregulação, empatia, cooperação e responsabilidade ética. Tais competências constituem parte essencial da formação cidadã e impactam diretamente a construção de ambientes escolares mais pacíficos e inclusivos.

Ademais, justifica-se a realização do presente estudo tanto por seu relevante cunho social quanto por sua contribuição científica. Do ponto de vista social, a pesquisa se mostra pertinente ao abordar a prevenção da violência escolar desde a Educação Infantil, etapa fundamental para a formação de vínculos, valores e modos de convivência. Ao focalizar a empatia como habilidade socioemocional central, o estudo dialoga com demandas contemporâneas da escola, que enfrenta desafios relacionados à convivência, à inclusão e à mediação de conflitos. Sob a perspectiva científica, a pesquisa se justifica por propor uma leitura psicopedagógica dos resultados de um projeto de iniciação científica, ampliando a compreensão da empatia não apenas como valor ético, mas como elemento estruturante do processo de aprendizagem. Ao articular Psicopedagogia, Educação Infantil e habilidades socioemocionais, o trabalho contribui para o aprofundamento teórico e prático do campo,

oferecendo subsídios para futuras intervenções, pesquisas e práticas educativas voltadas à promoção da convivência pacífica e ao desenvolvimento integral da criança.

Diante desse cenário, este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo geral analisar o papel da Psicopedagogia na promoção de habilidades socioemocionais, com foco na empatia, para a prevenção da violência escolar. Como objetivo específico temos: verificar como as práticas narrativas e dialógicas contribuem para o desenvolvimento de atitudes empáticas; interpretar os resultados desta amostra à luz da psicopedagogia, destacando as dimensões afetivas e sociais da aprendizagem; entender o papel do psicopedagogo na promoção das habilidades socioemocionais e na prevenção da violência escolar.

A pesquisa busca responder à seguinte problemática: Em que medida a Psicopedagogia contribui para o desenvolvimento da empatia e, conseqüentemente, para a prevenção da violência escolar na Educação Infantil?

Assim, pretende-se oferecer uma leitura psicopedagógica sobre como as habilidades empáticas emergem nas interações infantis e como podem ser intencionalmente promovidas na escola, contribuindo para a formação integral e a convivência democrática. O presente estudo avança ao integrar perspectivas da Psicopedagogia, da Educação Infantil e da pesquisa empírica sobre empatia e violência, oferecendo subsídios teóricos e práticos para educadores, psicopedagogos e instituições escolares.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente trabalho propõe-se a analisar, sob uma perspectiva psicopedagógica, como a promoção de Habilidades Socioemocionais (HSE), especialmente a empatia, pode constituir uma estratégia preventiva eficaz para a mitigação da violência no ambiente escolar. A escolha do referencial teórico tripartido: Psicopedagogia, Desenvolvimento Socioemocional e Prevenção da Violência. Parte da compreensão de que o processo de aprendizagem é indissociável das dimensões cognitivas, afetivas e relacionais que estruturam a experiência da criança. Assim, estudar empatia no contexto da Educação Infantil implica reconhecer que aprender não é apenas adquirir conteúdos, mas também desenvolver modos de ser, conviver e se relacionar no espaço escolar.

A sustentação teórica deste estudo envolve uma articulação rigorosa entre autores clássicos e produções contemporâneas, o que possibilita compreender a complexidade do

fenômeno investigado. No campo da Psicopedagogia, Visca (1991) e Pain (1985) oferecem aportes fundamentais ao conceber a aprendizagem como um processo singular, atravessado por vínculos, histórias e afetos que tanto favorecem quanto obstaculizam o desenvolvimento infantil. Tal perspectiva legitima o olhar psicopedagógico sobre as interações, conflitos e expressões emocionais das crianças, compreendendo-as como indicadores essenciais da construção do sujeito aprendiz.

No que diz respeito ao desenvolvimento humano, aportes como a Teoria Sociocultural de Vygotsky (1991) e os estudos sobre Inteligência Emocional de Goleman (1995) reforçam que o desenvolvimento integral da criança se dá na relação com o outro, por meio da mediação social e da internalização de competências que organizam o pensamento, as emoções e o comportamento. Esses autores auxiliam a compreender que habilidades socioemocionais como autocontrole, tomada de perspectiva e empatia não são características naturais ou fixas, mas competências aprendidas e continuamente reconstruídas nas interações cotidianas.

A discussão específica sobre a empatia encontra aprofundamento na obra de Hoffman (2000), que a define como o fundamento moral do comportamento pró-social e como uma competência que sustenta a cooperação, o cuidado e a responsabilização pelo outro. Essa concepção encontra crescente diálogo com pesquisas brasileiras e internacionais que reconhecem a empatia como competência essencial para a convivência ética na escola e como eixo estruturante das práticas de prevenção da violência.

Por fim, a dimensão da prevenção fundamenta-se em estudos clássicos, como os de Olweus (1993) sobre bullying, e em perspectivas contemporâneas de transformação de conflitos, como a Justiça Restaurativa de Barter (2011), que enfatizam a necessidade de abordagens educativas que privilegiem o diálogo, a reparação e a corresponsabilidade. Nesse cenário, o psicopedagogo emerge como um agente estratégico na promoção da cultura de paz, ao integrar práticas de escuta, mediação e fortalecimento de vínculos, contribuindo diretamente para a saúde relacional da comunidade escolar. A convergência desses referenciais sustenta, portanto, tanto a relevância social quanto a consistência metodológica deste relato de pesquisa.

2.1 PSICOPEDAGOGIA E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

A Psicopedagogia, enquanto campo interdisciplinar, dedica-se a compreender o processo de aprendizagem em sua integralidade, reconhecendo que aspectos cognitivos, afetivos, sociais e relacionais constituem dimensões inseparáveis da formação infantil. No

contexto da Educação Infantil, essa compreensão torna-se ainda mais relevante, uma vez que as interações, os vínculos e as experiências emocionais vividas pelas crianças são determinantes tanto para o aprender quanto para a convivência.

Autores clássicos da área, como Bossa (2019), Pain (1985) e Fernández (1991), sustentam que a aprendizagem é constituída por vínculos e atravessada pela afetividade. Bossa (2019) afirma que o aprender só se efetiva quando a criança encontra condições emocionais de segurança, reconhecimento e pertencimento. Pain (1985), ao discutir as dimensões afetivas do aprender, enfatiza que dificuldades cognitivas muitas vezes expressam conflitos emocionais ou fragilidades vinculares, o que reforça que práticas educativas baseadas em empatia e acolhimento reduzem tensões e favorecem a disposição para aprender. Fernández (1991) amplia essa compreensão ao destacar que a circulação da inteligência depende das trocas simbólicas e emocionais estabelecidas na relação com o outro.

Essa perspectiva dialoga com o tema deste trabalho ao evidenciar que a empatia não é apenas um valor moral, mas um elemento central da aprendizagem. Relações empáticas favorecem um clima emocional positivo, no qual a criança se sente segura para se expressar, reduzindo reações defensivas. Estudos de Vanderlei et al. (2025) mostram que ambientes acolhedores e com senso de pertencimento contribuem para a convivência, o engajamento nas atividades e a autorregulação emocional.

Sob a ótica psicopedagógica, esse clima relacional é central, pois a aprendizagem envolve dimensões afetivas, cognitivas e sociais. Quando a empatia está presente, amplia a abertura para aprender, favorecendo a cooperação, a construção de significados e a tolerância à frustração. Assim, a prevenção da violência ocorre por meio do fortalecimento de vínculos, permitindo que a criança reconheça o outro e desenvolva formas mais dialogadas de resolver conflitos. Dessa forma, a empatia se consolida como eixo entre convivência, aprendizagem e desenvolvimento integral.

Além dos aportes psicopedagógicos clássicos, a fundamentação deste tópico integra contribuições da psicologia do desenvolvimento, que ajudam a compreender como as crianças constroem suas relações sociais. Para Wallon (2007), o desenvolvimento infantil ocorre em estreita articulação entre emoção, movimento e cognição, sendo a afetividade a base das relações humanas. Essa noção reforça a relevância das interações empáticas no cotidiano

escolar, já que o desenvolvimento emocional influencia diretamente o comportamento social e o modo como as crianças lidam com conflitos.

A perspectiva sociocultural de Vygotsky (2007) também fortalece este argumento ao afirmar que o desenvolvimento ocorre pela mediação do outro e pela internalização de práticas sociais. A Zona de Desenvolvimento Proximal permite compreender que, na escola, as crianças aprendem não apenas conteúdos, mas também modos de relacionar-se. Dessa forma, práticas psicopedagógicas que favorecem a mediação, o diálogo e a escuta ativa ampliam o desenvolvimento socioemocional e reduzem a ocorrência de comportamentos violentos.

Estudos brasileiros contemporâneos demonstram a importância dessa articulação entre Psicopedagogia e desenvolvimento infantil. Santos, Medeiros e Meroto (2024) evidenciam que a mediação psicopedagógica favorece o desenvolvimento socioemocional ao oferecer espaço para expressão de sentimentos, validação emocional e resolução de conflitos. Rodrigues et al. (2021) reforçam que a Psicopedagogia na Educação Infantil tem papel preventivo, contribuindo para um clima escolar positivo, redução de tensões e fortalecimento das relações entre pares. No mesmo sentido, Medeiros e Dias (2019) mostram que as interações entre crianças e professoras influenciam diretamente a construção da autonomia e da cooperação, pilares essenciais para comportamentos empáticos.

O campo das competências socioemocionais também dialoga com a Psicopedagogia. Cruz (2024) destaca que o desenvolvimento socioemocional favorece a autorregulação, a consciência emocional, a capacidade de resolução de conflitos e aspectos diretamente relacionados à prevenção da violência. Esses achados são corroborados por pesquisas sobre os impactos da violência na infância, como demonstram Ferro, Oliveira e Casanova (2023), que evidenciam como contextos escolares hostis prejudicam o desenvolvimento cognitivo e emocional.

Logo, compreender a aprendizagem a partir das práticas psicopedagógicas implica reconhecer que promover empatia é uma estratégia pedagógica central. Ao fortalecer vínculos, valorizar a escuta e a expressão emocional, cria-se um ambiente que favorece a aprendizagem integral, a cooperação e a redução de comportamentos agressivos. Assim, a empatia se configura como base do aprender e da prevenção da violência escolar.

2.2 HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS E EMPATIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

O desenvolvimento das habilidades socioemocionais (HSE) constitui um eixo central para compreender como as crianças aprendem a lidar com as próprias emoções, a relacionar-se com os outros e a resolver conflitos de dimensões intimamente articuladas ao clima escolar e à prevenção da violência. Pesquisas brasileiras recentes têm evidenciado que crianças com repertório socioemocional mais desenvolvido apresentam menor predisposição a comportamentos agressivos, maior capacidade de diálogo e maior habilidade para compreender as emoções dos colegas (Del Prette; Del Prette, 2022; Cruz, 2024; Vanderlei et. al (2025). Do ponto de vista psicopedagógico, reconhece-se que essas competências influenciam diretamente a forma como a criança aprende, se engaja nas atividades e estabelece vínculos com o grupo, aspectos que fazem parte do processo global da aprendizagem.

À luz das teorias construtivistas e sociointeracionistas, compreende-se que o desenvolvimento socioemocional é construído ativamente pela criança em suas interações com pessoas, objetos e situações. Piaget (1977) descreve que, ao longo da infância, ocorre a transição do egocentrismo cognitivo para a descentração, processo que permite à criança reconhecer o outro como sujeito independente, portador de desejos, sentimentos e perspectivas próprias. Essa conquista cognitiva é essencial para o desenvolvimento da empatia, pois possibilita à criança antecipar os efeitos de suas ações, compreender conflitos com maior profundidade e estabelecer relações mais colaborativas. No contexto escolar, esse processo se traduz em menor ocorrência de comportamentos violentos, já que a criança passa a considerar o bem-estar do outro em suas tomadas de decisão.

Vygotsky (2007), ao enfatizar o papel da mediação social na aprendizagem, contribui para compreender como a autorregulação emocional se estrutura na infância. A linguagem principal instrumento de mediação permite transformar impulsos em pensamento e pensamento em ação regulada. Estudos contemporâneos, como o de Harrington et al. (2020), mostram que crianças capazes de nomear emoções e dialogar sobre seus sentimentos desenvolvem maior controle emocional e menor propensão a respostas impulsivas e agressivas. Desse modo, criar espaços psicopedagógicos que favoreçam a expressão emocional, a escuta e a mediação torna-se fundamental para prevenir comportamentos violentos na escola.

As práticas psicopedagógicas, ao reconhecerem a aprendizagem como atravessada por dimensões afetivas e relacionais (Bossa, 2019; Fernández, 1991; Silva; Pereira, 2023), contribuem para o desenvolvimento dessas habilidades. Por meio de rodas de conversa,

mediações e atividades cooperativas, favorecem a empatia, a autorregulação emocional e a resolução dialogada de conflitos, prevenindo comportamentos agressivos.

No campo da empatia, o modelo de inteligência emocional de Goleman (1995) é referência importante ao destacar que reconhecer as emoções do outro é tão fundamental quanto gerir as próprias emoções. Em ambientes escolares, essa habilidade permite que as crianças ajustem seus comportamentos em função do coletivo, percebendo quando um colega precisa de apoio e evitando atitudes que possam causar sofrimento. Por essa razão, a empatia é reconhecida pela BNCC (Brasil, 2018) como uma das competências essenciais para a formação integral, devendo ser intencionalmente promovida desde a Educação Infantil.

Hoffman (2000), por sua vez, aprofunda a compreensão sobre o desenvolvimento da empatia ao descrevê-la como um fenômeno progressivo, que evolui de formas elementares de contágio emocional até níveis mais complexos de tomada de perspectiva e sensibilidade moral. Para o autor, a empatia atua como reguladora do comportamento pró-social, inibindo ações prejudiciais e favorecendo a cooperação e o cuidado. Essa abordagem reforça a pertinência da Psicopedagogia enquanto promotora de experiências de alteridade que fortalecem tanto o componente cognitivo quanto o afetivo da empatia.

Estudos recentes apontam a relação entre habilidades socioemocionais, empatia e redução da violência. Ferro, Oliveira e Casanova (2023) indicam que ambientes acolhedores favorecem a resolução de conflitos sem agressividade. Dias et al. (2024) reforçam a empatia como estratégia central de prevenção da violência escolar, especialmente na Educação Infantil. Além disso, práticas baseadas na escuta e no acolhimento contribuem para a diminuição de conflitos e para um clima escolar positivo (Medeiros; Dias, 2019; Vanderlei et al., 2025).

Assim, compreende-se que a promoção das Habilidades Socioemocionais (HSE) constitui uma estratégia fundamental para a construção de ambientes escolares seguros, colaborativos e emocionalmente saudáveis. Para a Psicopedagogia, essa compreensão orienta práticas integradas e intencionais que atuam tanto na prevenção dos conflitos quanto no fortalecimento de vínculos, configurando-se como uma via essencial para prevenir a violência escolar desde os primeiros anos da escolarização.

2.3 EMPATIA COMO ESTRATÉGIA PSICOPEDAGÓGICA DE PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR

A violência escolar na Educação Infantil manifesta-se de forma diversa, incluindo agressões, exclusão e conflitos interpessoais. Embora faça parte do processo de socialização, sua recorrência exige intervenções que promovam respeito, diálogo e cooperação. Nesse contexto, as práticas psicopedagógicas ganham destaque ao compreenderem a aprendizagem como um processo marcado pelas relações e pelas dimensões socioemocionais do cotidiano escolar.

Embora esses comportamentos sejam parte das primeiras aprendizagens sociais, sua recorrência e intensidade denotam fragilidades críticas na autorregulação emocional, na comunicação e na gestão da convivência. Barter (2011) reforça que a violência entre pares é um fenômeno multifatorial intrinsecamente ligado às interações e à cultura da própria escola, evidenciando que intervenções focadas meramente na correção ou punição do comportamento não são suficientes.

Nesse contexto, a empatia se apresenta como uma competência socioemocional decisiva para prevenir a violência. Conforme argumenta Hoffman (2000), a empatia funciona como um mecanismo regulador do comportamento moral, inibindo ações prejudiciais e estimulando comportamentos pró-sociais. Quando a criança é capaz de antecipar o impacto de suas ações sobre o outro, ela tende a escolher estratégias menos agressivas, mais colaborativas e mais sensíveis às necessidades do grupo. Essa competência não surge espontaneamente: ela é construída progressivamente e depende de oportunidades educativas que favoreçam a percepção emocional, a tomada de perspectiva e a valorização da alteridade.

Nesse contexto, as práticas psicopedagógicas assumem papel estratégico ao criar espaços de diálogo, expressão emocional e reflexão sobre as relações. Por meio de atividades como rodas de conversa, contação de histórias e jogos cooperativos, favorecem o reconhecimento das emoções e a construção de respostas mais adequadas aos conflitos. Assim, não se limitam às dificuldades de aprendizagem, mas promovem habilidades empáticas e contribuem para a prevenção da violência.

Nesse cenário, as práticas psicopedagógicas compreendem a violência não como ato isolado, mas como reflexo de fragilidades nos vínculos e nas relações que sustentam o aprender (Bossa, 2019; Fernández, 1991). Dias et al. (2024) destacam que a ausência de escuta e acolhimento compromete o desenvolvimento da empatia. Assim, a prevenção da violência

escolar exige intervenções voltadas à dimensão afetiva e relacional da aprendizagem, foco central deste trabalho.

A literatura aponta a empatia como fator protetivo na infância. Gázquez et al. (2015) indicam que baixos níveis de empatia e relações pouco acolhedoras estão associados a comportamentos agressivos, reforçando que prevenir a violência é promover a empatia, em consonância com as práticas psicopedagógicas. Goleman (1995) destaca o papel da compreensão das emoções nas relações sociais, enquanto Hoffman (2000) aponta a empatia como reguladora moral. Esses aspectos também são discutidos por Piaget (1977), Vygotsky (2007) e Wallon (2007), que evidenciam o papel das interações no desenvolvimento da autorregulação e da convivência.

Estudos brasileiros confirmam a centralidade da empatia na prevenção da violência. Pavarino, Del Prette e Del Prette (2005) demonstram que crianças mais empáticas apresentam menos comportamentos agressivos, reforçando que promover empatia é fundamental na Educação Infantil. Nessa perspectiva, as práticas psicopedagógicas utilizam mediação e acolhimento (Visca, 1991; Paín, 1985) para transformar conflitos em oportunidades de aprendizagem. Pesquisas como as de Santos, Medeiros e Meroto (2024) e Rodrigues et al. (2021) evidenciam que práticas baseadas na escuta e no vínculo fortalecem o desenvolvimento socioemocional. Além disso, Rodrigues e Silva (2012) mostram que intervenções com rodas de conversa e histórias ampliam a empatia, a cooperação e a resolução pacífica de conflitos, contribuindo para o pertencimento e a prevenção da violência (Vanderlei et al., 2025).

Por fim, as práticas psicopedagógicas compreendem que conflitos e agressões são parte de processos em construção, e não desvios isolados. Promover empatia na Educação Infantil significa fortalecer a autorregulação, a consciência emocional e as relações positivas, criando um ambiente acolhedor e mediador. Assim, a empatia se torna eixo central para a convivência ética e para a prevenção da violência escolar.

3 MÉTODO/ ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva e interpretativa, baseada em um relato de pesquisa fundamentado nos resultados do projeto de PIBIC intitulado: *“Prevenção da violência na escola: o manejo das habilidades empáticas”*. Inserida no campo das Ciências Humanas e Sociais, a investigação busca compreender os significados construídos pelas crianças em suas interações no contexto escolar. Embora o

estudo original não tenha sido desenvolvido na Psicopedagogia, este trabalho propõe uma releitura dos achados sob essa perspectiva, analisando como o desenvolvimento da empatia contribui para a prevenção da violência na Educação Infantil. Assim, o delineamento prioriza a interpretação das experiências, falas e interações das crianças, sem foco em mensuração ou análise estatística.

Tal posicionamento metodológico está ancorado na compreensão de que a Psicopedagogia não se limita à remediação de dificuldades, mas atua de forma preventiva, promovendo condições emocionais e relacionais favoráveis ao aprender (Rodrigues et al., 2021; Silva; Pereira, 2023). Dessa forma, o método adotado assume caráter analítico-reflexivo, no qual os dados não são tratados como evidências isoladas, mas como expressões de processos de desenvolvimento em curso.

A pesquisa foi realizada no Colégio de Aplicação (CAp/UFPB), envolvendo 13 crianças da Educação Infantil, especificamente da turma do Infantil 5, no turno vespertino. A escolha desse campo empírico fundamenta-se na compreensão de que a Educação Infantil constitui uma etapa crucial para o desenvolvimento socioemocional, período no qual as bases da empatia, da autorregulação e da convivência são estruturadas (Wallon, 2007; Vygotsky, 2007). Respeitando-se as características do desenvolvimento infantil e considerando-se que, nessa fase, as interações entre pares assumem papel central na construção de significados sobre o outro, sobre si e sobre as normas de convivência.

No que se refere aos procedimentos éticos, antes do início da coleta de dados, os pais ou responsáveis legais foram informados sobre os objetivos, métodos e implicações da pesquisa, sendo solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Esse cuidado ético dialoga diretamente com a concepção psicopedagógica de sujeito, que reconhece a criança como um ser em desenvolvimento, merecedor de proteção, respeito e escuta qualificada. Além disso, todas as atividades foram planejadas de modo a preservar o bem-estar emocional das crianças, assegurando um ambiente de acolhimento e segurança, condição considerada essencial para a expressão genuína das emoções e atitudes empáticas (Del Prette; Del Prette, 2017).

A coleta de dados ocorreu de forma presencial, diretamente com as crianças e sem a participação dos educadores, conforme o recorte do estudo. Essa escolha considera que a empatia se constrói nas interações entre pares (Hoffman, 2000; Dias et al., 2024). As atividades

foram organizadas em três momentos. No primeiro, as rodas de conversa favoreceram a escuta, a expressão e a construção coletiva de significados (Vygotsky, 2007; Goleman, 1995), permitindo identificar os conhecimentos prévios das crianças sobre empatia, bem como a forma como reconhecem emoções e compreendem conflitos.

No segundo momento, a contação de histórias foi adotada como recurso metodológico por sua relevância no desenvolvimento simbólico e emocional da criança, conforme apontado por Piaget (1977) e Wallon (2007). A narrativa possibilitou que as crianças se identificassem com personagens e situações empáticas, favorecendo processos de projeção, identificação e elaboração emocional. Do ponto de vista psicopedagógico, a história funciona como mediadora entre a experiência interna da criança e o mundo social, permitindo que ela reflita sobre atitudes, sentimentos e consequências de forma segura e lúdica.

No terceiro momento, as situações hipotéticas foram utilizadas como estratégia de investigação das habilidades socioemocionais, especialmente da empatia cognitiva e afetiva. Esse procedimento dialoga diretamente com o modelo de desenvolvimento da empatia proposto por Hoffman (2000), ao possibilitar a análise da capacidade da criança de antecipar o impacto de suas ações sobre o outro e de propor soluções socialmente ajustadas. Além disso, as situações hipotéticas favorecem a observação da autorregulação emocional e da tomada de decisão, competências consideradas fundamentais para a prevenção da violência escolar (Harrington et al., 2020; Dias et al., 2024).

A análise dos dados seguiu uma abordagem qualitativa, discursiva e interpretativa, buscando compreender falas e atitudes das crianças como expressões de processos socioemocionais e de aprendizagem. Parte-se da ideia de que emoção e cognição são indissociáveis no desenvolvimento infantil (Wallon, 2007; Vygotsky, 2007), sendo a empatia mediadora das relações. Na perspectiva das práticas psicopedagógicas, a interpretação foi baseada em Bossa (2019), Fernández (1991) e Paín (1985), que destacam o papel dos vínculos e da afetividade, permitindo compreender a empatia como indicador da qualidade das relações e do clima emocional da turma.

Por fim, o estudo respeitou integralmente os princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regulamenta pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. A condução ética da pesquisa reforça o compromisso deste trabalho com uma prática investigativa responsável, sensível e coerente com os princípios da

Psicopedagogia. Assim, o método adotado não apenas sustenta a validade científica do estudo, mas também evidencia a coerência entre teoria, prática e ética, fortalecendo a compreensão de que a promoção da empatia, desde a Educação Infantil, constitui uma estratégia psicopedagógica potente para a prevenção da violência escolar.

4 RESULTADOS

A análise dos dados evidenciou a presença significativa de comportamentos empáticos, práticas colaborativas e estratégias dialogadas de resolução de conflitos entre as 13 crianças participantes, sendo 7 do sexo feminino e 6 do sexo masculino. Observou-se que a maioria das crianças demonstrou atitudes empáticas, expressando cuidado, cooperação e sensibilidade às necessidades dos colegas. Esses resultados indicam que o grupo mobiliza repertórios socioemocionais voltados à convivência pacífica, reforçando que a empatia pode ser desenvolvida por meio de experiências pedagógicas mediadas e relações afetivas. Sob a ótica das práticas psicopedagógicas, evidencia-se que a aprendizagem ocorre no entrelaçamento entre cognição, afeto e vínculo social (Bossa, 2019; Fernández, 1991; Visca, 1991).

Durante as rodas de conversa e situações hipotéticas, observou-se que as crianças identificavam emoções, explicavam sentimentos e propunham soluções pacíficas para conflitos. Falas como “ele ficou triste porque ninguém chamou ele” e “você quer brincar com a gente?” evidenciam a tomada de perspectiva e o reconhecimento do outro, aspectos centrais da empatia (Del Prette; Del Prette, 2022). A maioria também demonstrou atitudes de inclusão, como convidar colegas para brincar, além de comportamentos de autorregulação, como esperar a vez na fila. Na perspectiva das práticas psicopedagógicas, essas ações indicam avanços na regulação emocional e na capacidade de transformar impulsos em respostas mais conscientes, conforme Vygotsky (2007).

A convivência observada evidenciou cooperação, solidariedade e cuidado mútuo. As crianças ajudavam colegas, mediar conflitos com falas como “vamos dividir o brinquedo” e “você precisa esperar sua vez”, além de ajustarem regras para incluir todos, inclusive um colega com TEA. Essas atitudes, recorrentes no grupo, demonstram sensibilidade às diferenças e senso de pertencimento, em consonância com Vanderlei et al. (2025). Na perspectiva das práticas psicopedagógicas, indicam a internalização de experiências mediadas por vínculos positivos, mostrando que a qualidade das relações favorece a aprendizagem e a convivência (Paín, 1985).

No que se refere aos conflitos, observou-se que, embora fossem frequentes nas interações, raramente evoluíam para agressões. A maioria das crianças resolveu desentendimentos por meio do diálogo, negociação e combinados, demonstrando autonomia. Alguns recorreram à mediação adulta em situações mais complexas, o que também indica estratégia adaptativa. Apenas uma criança relatou que reagiria com agressão. Esses dados reforçam a ideia de que o conflito pode favorecer a autonomia quando mediado adequadamente (Medeiros; Dias, 2019). As intervenções das professoras, baseadas na escuta e no diálogo, funcionaram como modelos de regulação emocional, corroborando estudos que apontam a empatia como promotora da resolução pacífica de conflitos (Rodrigues; Silva, 2012).

O olhar psicopedagógico indica que as atitudes observadas não são isoladas, mas parte de processos de aprendizagem. Ao compartilhar, incluir ou negociar, a criança desenvolve a noção de alteridade. Essa compreensão dialoga com Visca (1991), ao entender a aprendizagem como resultado da relação entre sujeito, contexto e emoções, evidenciando a construção subjetiva e social mediada pela escola.

A presença de empatia nas relações confirma que ambientes baseados na escuta, mediação e interação favorecem o desenvolvimento socioemocional (Cruz, 2024). As práticas psicopedagógicas mostram que vínculos afetivos, pautados no acolhimento e diálogo, fortalecem a autonomia, a tomada de perspectiva e a resolução de problemas, evidenciando a escola como espaço de formação ética e de prevenção da violência (Gázquez et al., 2015).

Os resultados mostram que a empatia não foi pontual, mas um modo coletivo de interação, presente nas brincadeiras, conflitos e cuidados. Na perspectiva psicopedagógica, isso indica desenvolvimento de recursos para a convivência pacífica, com a mediação afetiva como elemento central. Assim, confirma-se que promover empatia na Educação Infantil é estratégia eficaz para prevenir a violência e favorecer uma aprendizagem integral.

5 DISCUSSÃO

Os resultados indicam que a maioria das crianças apresentou comportamentos empáticos de forma recorrente, demonstrando atitudes de cuidado, inclusão e autorregulação nas interações cotidianas. Esses resultados obtidos sugerem que a empatia, no grupo investigado, não apareceu como um comportamento isolado, mas como um modo predominante de se relacionar. Essa constatação reforça estudos que apontam a empatia como elemento

fundamental na prevenção da violência escolar e na construção de relações mais saudáveis na infância (Hoffman, 2000; Del Prette; Del Prette, 2022; Dias et al., 2024).

Entretanto, é importante compreender que tais comportamentos não surgem de forma espontânea. Os dados indicam que a presença constante de diálogo, escuta e mediação afetiva por parte das professoras foi determinante para a consolidação dessas habilidades. Assim, a empatia pode ser entendida como uma construção social, desenvolvida nas interações e fortalecida pelo contexto escolar. Essa compreensão dialoga com Vygotsky (2007), ao afirmar que as funções psicológicas superiores, como a autorregulação e a capacidade de refletir sobre o próprio comportamento, se desenvolvem a partir das relações sociais e da mediação da linguagem.

Os comportamentos indicam avanços na capacidade de considerar o ponto de vista do outro. Segundo Piaget (1977), isso ocorre com a superação do egocentrismo. Atitudes como negociar turnos e incluir colegas mostram esse progresso, embora a intervenção adulta ainda seja necessária, indicando que a autonomia está em desenvolvimento

Do ponto de vista psicopedagógico, os achados confirmam que aprendizagem e afetividade caminham juntas. Autores como Bossa (2019), Fernández (1991) e Paín (1985) defendem que o vínculo estabelecido no ambiente escolar influencia diretamente a forma como a criança aprende e se relaciona. Nesse sentido, o clima afetivo observado favoreceu a construção de relações baseadas no respeito e na cooperação. A perspectiva de Visca (1991) também contribui para essa compreensão ao afirmar que o aprender envolve a articulação entre sujeito, conhecimento e vínculo. Assim, os comportamentos empáticos identificados podem ser compreendidos como resultado de experiências mediadas por relações seguras e significativas.

Os conflitos continuaram presentes, mas foram resolvidos de forma mais dialogada, mostrando que podem ser oportunidades de aprendizagem quando bem mediados (Medeiros; Dias, 2019). A empatia, nesse contexto, não elimina conflitos, mas reduz a agressividade. Cabe destacar que os resultados referem-se a um grupo específico e não podem ser generalizados. Ainda assim, indicam que práticas pedagógicas intencionais contribuem para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais.

Os resultados dialogam com a BNCC (Brasil, 2018), ao destacar empatia, cooperação e responsabilidade como essenciais. Evidenciam que essas competências se constroem nas relações e experiências, não apenas no currículo. Assim, as práticas psicopedagógicas mostram

que promover empatia na Educação Infantil favorece a formação de sujeitos mais conscientes e éticos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise das interações estabelecidas pelas crianças, foi possível observar que a empatia se manifestou de forma significativa nas relações cotidianas do grupo, expressando-se por meio de atitudes de cuidado, cooperação, inclusão e diálogo na resolução de conflitos. Esses comportamentos indicam que as crianças não apenas compreenderam regras de convivência, mas passaram a demonstrar sensibilidade em relação aos sentimentos e necessidades dos colegas, o que contribuiu para a construção de um ambiente mais acolhedor e respeitoso dentro da sala de aula.

Os resultados mostram que a maioria das crianças reconheceu emoções, esperou sua vez, incluiu colegas e buscou resolver conflitos de forma pacífica, inclusive com um colega com necessidades específicas. Embora conflitos tenham ocorrido, foram geralmente resolvidos pelo diálogo ou com apoio da professora. Isso reforça que o conflito pode ser oportunidade de aprendizagem quando mediado adequadamente.

Assim, responde-se à pergunta de pesquisa afirmando que as práticas psicopedagógicas contribuem significativamente para o desenvolvimento da empatia ao valorizar vínculo, escuta, diálogo e reflexão. Ao integrar aspectos cognitivos e emocionais, favorecem habilidades sociais que previnem a violência. Mais do que intervir, atuam de forma preventiva, fortalecendo competências socioemocionais e promovendo uma convivência ética e cooperativa desde a infância.

Embora realizado em um contexto específico e com poucos participantes, o estudo destaca a importância de práticas intencionais voltadas ao desenvolvimento socioemocional. Conclui-se que as práticas psicopedagógicas têm papel essencial na promoção da empatia e na prevenção da violência, formando crianças mais conscientes, respeitosas e capazes de resolver conflitos de forma pacífica, fortalecendo uma convivência mais humana e solidária.

Esta pesquisa é relevante tanto para a academia quanto para a sociedade. No campo científico, amplia discussões sobre Psicopedagogia, empatia e prevenção da violência na Educação Infantil, ainda pouco exploradas. Ao evidenciar a importância de práticas intencionais, contribui para fortalecer a Psicopedagogia como área estratégica. No plano social,

reforça a formação emocional como caminho preventivo, incentivando novos estudos e promovendo uma educação mais ética e humanizada.

REFERÊNCIAS

BARTER, C. **Children behaving badly? Peer violence in schools and communities**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2011.

BOSSA, N. A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. 5. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2019.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 9 dez. 2025.

CRUZ, S. S.; RODRIGUES, K. M. S. Competências socioemocionais no contexto escolar. **Quaestio – Revista de Estudos em Educação**, Sorocaba, v. 26, p. e024040, 2024. DOI: 10.22483/2177-5796.2024v26id5457.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Habilidades sociais na infância: teoria e prática**. Petrópolis: Vozes, 2017.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Habilidades sociais e desenvolvimento socioemocional na escola: manual do professor**. São Carlos: EDUFSCar, 2022.

DIAS, A. A.; SILVA, A. F. O.; SANTOS, J. E. T. R.; SILVA, H. M. L. Empatia como prevenção da violência na Educação Infantil. In: DIAS, A. A.; CARDEAL, C. M. (org.). **Infâncias, políticas e direitos em consolidação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. p. 209–235.

FERNÁNDEZ, A. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artmed, 1991.

FERRO, L. R. M.; OLIVEIRA, A. J.; CASANOVA, G. B. Os impactos da violência no desenvolvimento infantil. **RECIMA21 – Revista Científica Multidisciplinar**, v. 4, n. 4, 2023. DOI: 10.47820/recima21.v4i4.2952.

GÁZQUEZ, J. J. et al. Factores asociados à violência escolar: características, consecuencias e estratégias de prevenção. **British Journal of Education, Society & Behavioural Science**, v. 11, n. 3, p. 1–12, 2015.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

HARRINGTON, E. M.; TREVINO, S. D.; LOPEZ, S.; GIULIANI, N. R. Emotion regulation in early childhood: implications for socioemotional and academic components of school readiness. **Emotion**, v. 20, n. 1, p. 48–53, 2020. DOI: 10.1037/emo0000667.

HOFFMAN, M. L. **Empathy and moral development: implications for caring and justice**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

MEDEIROS, M. F.; DIAS, A. A. Construção da autonomia na Educação Infantil: interações entre crianças e professoras. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, Grajaú, v. 5, n. 18, p. 1–24, 2019.

OLWEUS, D. **Bullying at school: what we know and what we can do**. Oxford: Blackwell, 1993.

PAÍN, S. **Subjetividade e aprendizagem: a dimensão afetiva do aprender**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

PAVARINO, M. G.; DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. Agressividade e empatia na infância: um estudo correlacional com pré-escolares. **Interação em Psicologia**, v. 9, n. 2, 2005.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

RODRIGUES, D. O.; NISHINO, E. A. C. N.; SOUZA, F. C. D.; ARRUDA, H. K. Q.; SANTANA, J. M.; BERTÉ, S. B. A psicopedagogia na educação infantil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 8, p. 1080–1090, 2021.

RODRIGUES, M. C.; SILVA, R. L. M. Avaliação de um programa de promoção da empatia implementado na educação infantil. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 12, n. 1, 2012.

SANTOS, S. M. A. V.; MEDEIROS, J. M.; MEROTO, M. B. N. **Práticas pedagógicas inclusivas e tecnologias: o caminho para o processo de aprendizagem**. 1. ed. Curitiba: Editora Contemporânea, 2024.

SILVA, L.; PEREIRA, M. A mediação psicopedagógica no desenvolvimento socioemocional. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 18, n. 3, 2023.

VANDERLEI, M. J. G.; AMORIM, A. C. X.; CORRÊA, A.; MORAIS, A. C. C. A.; SILVA, A. C. G.; BORGES, A. L. J.; MARQUES, E. R. E. B.; SILVA, M. G.; SILVA, P. C. A.; SANTOS, S. M. A. V. Educação socioemocional e o clima escolar: estratégias de acolhimento e pertencimento. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 17, n. 4, p. e8137, 2025. DOI: 10.55905/cuadv17n4-135.

VISCA, J. **Psicopedagogia: epistemologia convergente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

APÊNDICES (A, B, C,D)

História sobre empatia

Autora: Anna Flávia Oliveira da Silva

Era uma vez um lugar encantado chamado Vila do Arco-Íris, onde todos os habitantes viviam em paz e harmonia. Entre eles, havia um jovem coelho chamado Beto e uma corajosa tartaruga chamada Tina.

Beto era conhecido por sua gentileza e seu sorriso contagiante. Ele adorava correr pelos campos floridos e fazer novos amigos. Tina, por outro lado, era um pouco mais reservada, mas tinha um coração enorme e uma sabedoria que todos admiravam.

Um dia, um lobo chamado Lúcio chegou à vila. Lúcio era diferente dos outros animais, pois tinha uma história triste. Vivia sozinho na floresta, longe de todos, porque achava que ninguém gostava dele. Na verdade, Lúcio tinha medo de se aproximar dos outros por causa de suas garras afiadas e seu olhar assustador.

Certo dia, enquanto Beto brincava no campo, Lúcio apareceu de repente. Assustado, Beto tentou correr, mas Lúcio, num impulso, o agarrou com força. "Por favor, não me machuque!" pediu Beto, com os olhos cheios de lágrimas.

Lúcio soltou Beto imediatamente, assustado com sua própria reação. "Desculpe, eu não queria te machucar," disse Lúcio, com a voz tremendo. "Eu só queria brincar, mas não sei como."

Beto, ainda tremendo, olhou nos olhos de Lúcio e viu algo além da aparência assustadora: ele viu tristeza e solidão. "Tudo bem, Lúcio. Vamos tentar de novo. Mas desta vez, com calma," disse Beto gentilmente.

Tina, que havia observado tudo de longe, aproximou-se e disse: "Beto, você foi muito corajoso e compreensivo. E você, Lúcio, precisa aprender a controlar suas ações. Mas, juntos, podemos ajudá-lo."

Com o tempo, Lúcio aprendeu a ser mais cuidadoso e a expressar seus sentimentos de maneira diferente. Ele descobriu que não precisava usar a força para fazer amigos. Tina ensinou a todos na vila sobre a importância da empatia, mostrando como era fundamental entender os sentimentos dos outros.



Assim, a Vila do Arco-Íris continuou a ser um lugar de paz e harmonia, onde todos os animais aprenderam que, com empatia e compreensão, é possível transformar até mesmo o coração mais assustado. E viveram felizes para sempre.

APÊNDICE B

Perguntas norteadoras

Autora: Anna Flávia Oliveira da Silva

- Você sabe o que é empatia?
- Se um amigo estiver sozinho na sala, você chamaria ele para brincar?
- Se um amigo não traz o brinquedo, o que você faria?
- A professora trouxe uma bicicleta, como poderíamos fazer com que todo mundo brincasse?
- Se você estivesse no parque e um amigo batesse em você, o que você faria?
- Você aceitaria as desculpas?

APÊNDICE C

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal da Paraíba
Colégio de Aplicação da Universidade Federal da Paraíba
Campus I, S/N — Cidade Universitária João Pessoa — PB

CARTA DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

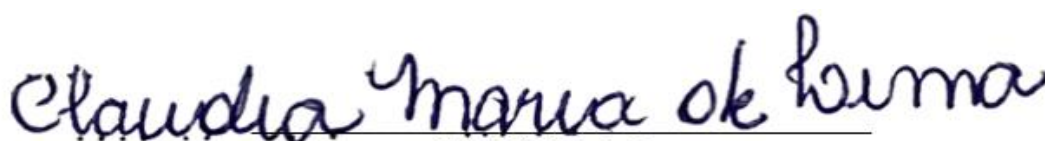
Declaro que, autorizo às pesquisadoras Anna Flávia Oliveira da Silva, Joane Elis Tavares Rodrigues dos Santos, Hellen Milênia Leal da Silva, pertencentes ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), desenvolvam a pesquisa intitulada Cultivando Empatia para Prevenir a Violência Escolar: um estudo na Educação Infantil, sob a orientação da professora Adelaide Alves Dias, vinculada ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), do Centro de Educação, do Departamento de Psicopedagogia.

A pesquisa tem como objetivo investigar o fenômeno da violência escolar e as relações existentes entre o manejo de habilidades empáticas e a promoção de condutas pró-sociais. É um estudo de campo de caráter exploratório descritivo com abordagens qualitativas.

Ciente dos objetivos, métodos e técnicas que serão utilizados nesta pesquisa, concordo em fornecer todos os subsídios para seu desenvolvimento, desde que seja assegurado o cumprimento das determinações éticas contidas nas resoluções brasileiras, a exemplo da Resolução CNS nº 466/2012; a garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa, sempre que se fizer necessário; de que não haverá nenhuma despesa para esta instituição decorrente da participação nesta pesquisa; E, no caso do não cumprimento dos itens acima, a liberdade de retirar esta anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma para instituição.

A autorização está condicionada ao comprometimento dos pesquisadores em utilizar os dados e materiais coletados exclusivamente para fins da pesquisa.

João Pessoa, 04 de abril de 2024.


Cláudia Maria de Lima
Coordenadora Geral

APÊNDICE D

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (para pais ou responsáveis)

Seu(ua) filho(a) está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada: “Cultivando Empatia para Prevenir a Violência Escolar: um estudo na Educação Infantil”, coordenada pela Profª. Dra. Adelaide Alves Dias, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), do Centro de Educação (CE), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Meu nome é Anna Flávia Oliveira da Silva, pertencço ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e somos responsáveis pela realização da pesquisa.

O objetivo principal desta pesquisa é investigar o fenômeno da violência escolar e as relações existentes entre o manejo de habilidades empáticas e a promoção de condutas pró-sociais.

A sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Esclarecemos, também, que o(a) seu(ua) filho(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração pela sua participação na pesquisa.

A pesquisa consiste na aplicação de questionários para levantar informações sobre o perfil socioeconômico e formativo dos(as) participantes. Uso de roteiros de entrevistas e fichas de informações. Prática da Observação participante com registros em diários de campo e fotográficos das rodas de conversas e entrevistas. Aplicação da Escala de Empenhamento do Adulto, definida por Laevers (1997) em O ‘Adult Style Observation Schedule’ (ASOS - Formulário para Observação do Estilo do Adulto). Realização de Roda de Conversa sobre violência escolar e seus efeitos nas crianças pequenas.

Não há riscos previsíveis para a saúde do seu filho(a) ao participar. Concordar com a participação dele(a) ajudará a melhorar o trabalho dos professores na educação infantil, bem como o serviço oferecido à comunidade. Além disso, fornecerá subsídios teóricos para o desenvolvimento de políticas públicas na área da educação infantil.

Os dados da pesquisa serão analisados e os resultados serão apresentados em eventos da área de Educação e publicados em revistas e periódicos científicos, mas a identidade de seu(ua) filho(a) não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Ao concordar em participar da pesquisa, você estará permitindo que a fotografia de seu(ua) filho(a) seja utilizada, e editada, unicamente para fins de pesquisa.

Após receber os esclarecimentos e as informações, no caso de aceitar que seu(ua) filho(a) faça parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável.

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, em qualquer etapa, você poderá entrar em contato com as pesquisadoras responsáveis, Anna Flávia Oliveira da Silva, do curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB - Campus I, ou com a orientadora da pesquisa, Prof^a. Dra. Adelaide Alves Dias, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba - UFPB - Campus I. Telefone: (81) 98222-8555 e-mails: anna.flavia2@academico.ufpb.br e adelaide.ufpb@gmail.com.

Em caso de dúvida sobre a ética aplicada à pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde - Universidade Federal da Paraíba - Campus I – Cidade Universitária - Bloco Arnaldo Tavares – Sala 812 – 1º andar – CCS. Telefone: (83) 3216 7791. E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com.

CONSENTIMENTO

Eu, _____, responsável por _____, autorizo sua participação na pesquisa, sabendo que não vou receber nenhuma gratificação ou pagamento por isso. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelas pesquisadoras sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de sua participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGENS DAS CRIANÇAS

Eu _____, responsável por _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de sua imagem, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, as pesquisadoras a realizar as fotos que se façam necessárias sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990).

João Pessoa _____, de _____ de _____.

Assinatura do(da) Responsável

AGRADECIMENTOS

Em Eclesiastes 3:15 está escrito que há um tempo para tudo debaixo do céu. Assim como em outras fases da minha vida, a trajetória acadêmica não foi diferente. O ano era 2016 e eu já sonhava e fazia planos de retornar a João Pessoa. Em 2022 houve a materialização desse sonho, e as coisas aconteceram como tinham de acontecer.

Primeiramente, quero agradecer a Deus, a Nossa Senhora da Conceição pela intercessão e ao Espírito Santo por ter me guiado até aqui com os seus dons.

Como disse Santa Teresa: *“é justo que muito custe o que muito vale.”* Não foi fácil chegar até aqui, mas para além dos meus méritos foi preciso que muitas pessoas caminhassem no sol para que eu pudesse caminhar na sombra. Pessoas que foram responsáveis para que eu passasse o mínimo de aperto possível durante essa trajetória. A vida tem dessas: sair de casa, morar em outro estado e lidar com a incerteza de que tudo pode ou não dar certo faz parte das escolhas que fazemos para nós mesmos. E graças aos meus pais esse sonho também foi possível.

À minha mãe, eu não consigo colocar em palavras tudo que tenho para te agradecer, mas tentarei. Eu sou consciente de todas as renúncias que você fez para me dar dignidade, me ensinar princípios e valores e, principalmente, para me ensinar a ser uma mulher com grandes sonhos e independente. Obrigada por ter segurado na minha mão e dizer “vai lá, que eu vou dar um jeito”; por ter aberto mão do seu sono e dado o melhor de si nos hospitais da vida para que eu pudesse sentir nas costas apenas o peso dos livros. Obrigada por reforçar todos os dias que, na vida, a gente só conquista as coisas pelo caminho da educação, pois tudo que vem fácil, vai fácil.

Obrigada por segurar a barra comigo até o momento em que eu encontrasse estabilidade aqui na Paraíba; por ligar todas as noites para saber como foi o meu dia, se fiz minhas refeições ou se estava faltando algo dentro de casa. Mãe, não há uma noite em que eu não pense em dar o melhor de mim para minimamente retribuir tudo que fizeste por mim até hoje. Obrigada por passar por cima da dor que é deixar um filho partir. Isso foi essencial para que eu pudesse criar asas e alçar voos tão altos. Mas obrigada também por ser sinônimo de casa e por me mostrar que, quando eu quiser, sempre terei um lugar para voltar quando tudo apertar.

Ao meu pai, obrigada por estar na retaguarda, por me ensinar sobre autonomia e por me mostrar a importância de levantar a cabeça e resolver os problemas de forma prática. Dentro do que foi possível, você sempre se fez presente.

Obrigada, tia Carminha, por ser a extensão de vovó aqui na terra, por me aplaudir tão forte a ponto de eu não ouvir quem está torcendo contra. Obrigada pelos incentivos, pelos conselhos e, principalmente, por me colocar em todas as suas orações. Tenho certeza de que muitos dos livramentos que vivi foram fruto do seu joelho no chão. Eu admiro muito a mulher que você é e quero ser pelo menos um pouco do que você me ensina a ser.

À Gina, minha prima, obrigada por compartilhar seus conhecimentos de mundo e de estudos, e por sempre me incentivar. Você é uma profissional que admiro muito e ainda vamos dividir um consultório juntas! Você me inspira.

À Áurea e ao Thiago, meus primos/irmãos, obrigada por tudo que vivemos até hoje e por sempre reforçarem a potência que eu sou. Realizar sonhos ao lado de vocês é algo que, com certeza, vovó, vovô e tio estariam vibrando. Tudo que conquistamos também é por eles. Amo vocês.

À minha banca, em especial à professora Andréia, que me conheceu no segundo período do curso, no meu primeiro momento pisando na UFPB. Nossa conexão foi instantânea desde a primeira aula de Psicomotricidade. Você foi a minha primeira inspiração dentro da universidade e que privilégio o meu, além de ser sua aluna, ter me tornado sua amiga.

Obrigada por enxergar potenciais que eu mesma não acreditava que existiam dentro de mim. Obrigada pelo grande presente que foi o Movimento Brincante, pelas boas risadas nos corredores e até no seu carro quando você me deixava em casa. Obrigada pelo cuidado de uma mãe e até pelos puxões de orelha. Não tenha dúvidas de que tudo isso foi essencial para a construção da minha maturidade acadêmica e pessoal. Você tornou esse percurso mais leve. Obrigada por ser meu porto seguro dentro desta universidade. Te amo muito, fia!

Graças à professora Andréia, eu recebi um dos grandes presentes da minha trajetória: ela foi o alicerce para que eu tivesse a honra de cruzar com a professora Adelaide, que se tornou minha orientadora. Foi ela quem me apresentou o lado mais complexo da academia, que é o lado da pesquisa. Fazer ciência no Brasil não é fácil, mas eu estive disposta a aceitar esse desafio e fazer bem feito.

Obrigada, professora Adelaide. Foi você quem me tirou da minha zona de conforto e me levou ao encontro de uma paixão que eu nem sabia que existia: o meu lado pesquisadora. Você deu sentido à minha vocação para a escrita, e é por meio dela que faço minhas contribuições. Obrigada por me colocar para estudar junto com mestrandos e doutorandos e por me mostrar que é possível trocar conhecimentos com quem está em diferentes níveis da academia.

Para muitos, você transmite a energia de alguém durona, mas só quem é seu orientando sabe que você é uma verdadeira leoa: aquela que defende com unhas e dentes, mas que também puxa a orelha quando necessário, dá um banho de água fria e nos desperta para a realidade. Obrigada por não permitir que confundam a minha bondade com ingenuidade. Obrigada por ser tão querida comigo e por me permitir fazer parte do NUPEC. Graças a essa troca, tenho reafirmado cada vez mais minha certeza em seguir na carreira acadêmica.

Aos meus amigos de infância e do interior, depois da minha família vocês são os grandes amores da minha vida. São a minha sorte no amor, a base que sustenta tudo. Obrigada por, desde quando éramos crianças, apoiarem a minha decisão de me mudar para João Pessoa.

Lidar com a distância não é fácil, mas eu me sinto segura em saber que vocês sempre estiveram me aplaudindo, enxugando minhas lágrimas e sendo o afago que eu precisava nos dias cinzentos. Essa conquista também é nossa. Como sempre dizemos: se um cresce, todos crescem.

Aos amigos que fiz em João Pessoa, obrigada por tudo. Muito se fala sobre como é difícil consolidar amizades na vida adulta, e Papai do Céu foi muito generoso comigo quando colocou cada um de vocês na minha vida. Obrigada às minhas meninas, às minhas divas, por dividirem comigo a trajetória acadêmica, a vida e os perrengues da vida adulta. Sem vocês, esse capítulo não teria sido tão cômico e marcante. Juntas construímos momentos incríveis, nos apoiamos e fizemos acontecer. É tudo nosso, meus amores.

E, por último, mas jamais menos importante.

Dona Nice, tudo isso aqui é seu. É nosso.

A tua neta conseguiu morar na Paraíba, sim.

A tua neta passou em uma Universidade Federal, sim.

A tua neta se formou, vovó.

Hoje o nosso sonho se realiza.

Desde que você partiu, não há um dia em que eu não pense nos planos que traçamos juntas. Nos sonhos que você sonhou comigo. Nas conversas em que você dizia que eu podia ir além.

Do céu, eu sei que você continua zelando por mim. E da terra eu sigo realizando.

Que sorte a minha carregar comigo o DNA da mulher que mais amava a vida. A mulher que me ensinou a lutar pelo que é meu. A mulher que me ensinou sobre amor, sobre coragem e sobre nunca desistir.

Obrigada por ter aberto as portas da sua casa e, mais do que isso, por ter aberto os caminhos da minha vida. Obrigada por ter me criado com tanta força, tanta dignidade e tanto amor.

Você criou uma mulher.
E a sua missão foi cumprida.

Enquanto eu tiver vida, o seu legado seguirá vivo em mim.

Hoje, vovó, a sua neta se torna psicopedagoga.

E se eu cheguei até aqui, foi porque um dia você acreditou que eu conseguiria.

Eu te amo para além desta vida.